

**Do gabinete ao ChatGPT:
uma análise sobre o uso de novas tecnologias na pesquisa etnográfica com
documentos¹**

Juliana Coelho de Almeida
PPGA-UFF/RJ

Palavras-chave: Inteligência Artificial Generativa (IAG); etnografia com documentos; novas tecnologias.

Introdução

A análise de documentos está presente desde início da antropologia enquanto campo de conhecimento acadêmico. Alguns dos autores evolucionistas, muitas vezes chamados de “fundadores” da disciplina, tinham como material de pesquisa as cartas e relatos de missionários, viajantes, comerciantes, entre outros (Castro, 2005). Com a consolidação do trabalho de campo, a escolha metodológica de basear suas obras apenas na análise desses documentos foi duramente criticada, e esses pesquisadores passaram a ser chamados de “antropólogos de gabinete”, de forma pejorativa (Castro, 2005, p. 17). O receio de pesquisar documentos permaneceu por muitas décadas como uma marca das críticas pós-evolucionistas.

Contudo, a partir da década de 90, os documentos voltaram a ganhar importância nas análises antropológicas, não mais em uma busca pela linha evolutiva da “sociedade”, mas, como “campos de indagação” e “artefatos etnográficos” (Ferreira, 2022). Essa retomada está fortemente ligada aos “documentos burocráticos” e a consolidação das pesquisas com instituições estatais. Minha pesquisa de doutorado está justamente voltada para a análise de documentos produzidos por algumas dessas instituições: processos (sobretudo sentenças) criminais de tortura em que os acusados são agentes do estado.

Ao longo da minha pesquisa, percebi que não se trata apenas de uma etnografia de documentos, há também uma forte influência da antropologia digital. A maior parte do contato com os documentos se dá no meio digital. Desde a procura pelos processos nos sites dos tribunais de justiça para a criação de uma base de dados, ao uso de plataformas como

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

ATLAS.ti, Notion, Gemini e ChatGPT como auxiliares de pesquisa. Penso que meu trabalho está situado em uma interseção entre a etnografia com documentos e a antropologia digital, mesmo que o “digital” em si não seja o meu foco de análise.

O presente trabalho é uma tentativa de contribuir para o debate metodológico sobre a etnografia com documentos no momento de grande transformação tecnológica atual, com a consolidação da Inteligência Artificial Generativa (IAG). O meu foco está em apresentar o *software* de análise qualitativa ATLAS.ti e como os modelos de IAG podem contribuir (ou não) para o processo de pesquisa.

Chat GPT e Gemini: começando a usar IAG

Recordo-me que comecei a usar o ChatGPT em 2024 de forma pontual, depois de ver relatos nas redes sociais. Em maio de 2025, lançamos a página do Instagram do grupo de pesquisa que faço parte, o Gepadim². No início, fiquei responsável pela página, editando as artes para as postagens, as legendas e a divulgações dos links. A partir dessa experiência, o uso do ChatGPT entrou na minha rotina. Tinha uma conversa com ele que usava para revisar as legendas dos posts, as mensagens que enviava nos grupos de Whatsapp para divulgação etc.³

Depois de ganhar certa familiaridade com o ChatGPT e ler relatos nas redes sociais de como ele poderia ser útil, resolvi perguntar para ele sobre aplicativos que me ajudassem a sistematizar os dados das sentenças. Ao encontrar um banco de sentenças da Justiça Militar Estadual, o número de processos para analisar aumentou bastante, de 5 para cerca de 50. Então, eu percebi que precisaria encontrar uma forma de sistematizar a análise desses documentos, já que um simples documento do Word não daria conta.

O ChatGPT indicou que eu criasse uma base de dados no Notion⁴ em formato de tabela e sugeriu algumas colunas, foi o que eu fiz. Cheguei a preencher os dados da análise

² Trata-se do Grupo de Etnografias em Antropologia do Direito e das Moralidades (Gepadim) associado ao Núcleo Fluminense de Pesquisa (Nufep/UFF) e ao Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (INCT-InEAC). Sou pesquisadora do Gepadim desde 2014, quando ainda estava na graduação em Antropologia da UFF.

³ Por não ter uma assinatura do ChatGPT não consigo recuperar essas conversas. Além disso, é válido mencionar que não usava a ferramenta para gerar textos e imagens prontas para a página do Gepadim. A identidade visual da página foi criada por um colega do grupo. Nesse período, as artes foram editadas por mim e os textos são de minha autoria.

⁴ Em seu site oficial, o Notion é definido como “uma ferramenta para construir blocos e criar coisas que podem ser usadas em um computador, como: documentos; bases de dados; sites públicos; bases de conhecimento;

de 7 processos. A possibilidade de cada linha da tabela gerar uma página que pode ser incluir trechos grandes de texto foi um ponto interessante. Porém, conforme fui preenchendo, percebi que cada vez criava mais colunas para dar conta dos detalhes que eu queria destacar, o que dificultou a visualização da tabela como um todo. Além disso, a necessidade de copiar, colar e depois editar os trechos destacados das sentenças me tomava um tempo considerável. Então, apesar de ter pontos positivos, percebi que o Notion ainda não era a ferramenta que eu buscava.

Em agosto de 2025, enquanto rolava o *feed* do LinkedIn, vi uma proposta do Google de 1 ano de assinatura gratuita para estudantes do seu modelo de IAG, o Gemini. Creio que essa tenha sido uma estratégia de divulgação do modelo e, ao mesmo tempo, uma forma de melhorar seu treinamento com atividades mais “complexas” propostas pelos novos usuários universitários. Enviei o comprovante do meu de vínculo institucional com a UFF e efetuei a assinatura. A partir desse momento, substitui o ChatGPT pela Gemini, já que tinha mais acessos a recursos no segundo modelo.

A seguir, apresento como “esbarrei” com o ATLAS.ti e como utilizei a Gemini para me auxiliar nesse processo.

ATLAS.ti

1. Descobrindo o ATLAS.ti

Descobri o ATLAS.ti ao acaso, enquanto navegava pelo meu *feed* do LinkedIn no dia 24 de maio de 2025⁵. Vi um anúncio de uma vaga relacionada a pesquisa qualitativa que aceitava candidatos formados em Ciências Sociais. Como vagas assim pareciam escassas, essas informações me saltaram aos olhos e passei a ler mais atentamente a descrição. Entre os requisitos, estava o domínio do *software* ATLAS.ti. Como nunca tinha ouvido falar deste *software* até então, resolvi pesquisar no Google para saber do se tratava. Digitei algo como “ATLAS.ti o que é” e recebi uma resposta da IA que dizia:

“O ATLAS.ti é um poderoso software de análise de dados qualitativos (QDAS) usado para organizar, codificar, interpretar e visualizar materiais não estruturados, como entrevistas, documentos, fotos, áudios e vídeos. Ele facilita a pesquisa

sistemas de gestão de projetos e notas (...)”. Disponível em: <<https://www.notion.com/pt/help/start-here>>. Acesso em 2 de junho de 2026.

⁵ Segundo o registro do Whatsapp, essa foi a data que perguntei se algum dos meus colegas conhecia o *software*.

acadêmica ou de mercado, permitindo identificar padrões e temas, com recursos de IA para agilizar a codificação.” (Google, 2026)⁶

A menção a análise de documentos me interessou, já que eu estava buscando formas de facilitar a análise das sentenças. Perguntei no grupo do Whatsapp do Gepadim se algum dos meus colegas conhecia esse *software* de análise qualitativa. Uma colega respondeu que já tinha ouvido falar sobre o ATLAS.ti mas nunca tinha usado e recomendou que eu procurasse vídeos com tutoriais no Youtube. Encontrei um vídeo do canal “Além do Lattes”⁷ que apresentava de forma breve as principais funcionalidades da ferramenta. Os códigos e a possibilidade de apresentação das relações entre eles me interessaram. Além disso, a possibilidade de analisar uma quantidade grandes de documentos através da codificação por IAG pareceu extremamente interessante para a minha pesquisa. Porém, naquele momento, não tinha recursos para comprar uma licença do *software* e tempo para investir em treinamentos.

Alguns meses depois, quando já havia conseguido um número maior de sentenças, lembrei do ATLAS.ti e resolvi retomar a procurar sobre. Nesse momento, em janeiro de 2026, eu já utilizava o Gemini em tarefas cotidianas. Então, decidi perguntar para ele sobre o *software*:

Eu: Você conhece a ferramenta ATLAS.ti?

Gemini: Conheço sim! O **ATLAS.ti** é uma das ferramentas mais robustas e respeitadas no mundo acadêmico e corporativo para a **Análise de Dados Qualitativos (QDAS)**. Se você está trabalhando com grandes volumes de textos, entrevistas ou vídeos e sente que está ‘se afogando’ em informações, ele serve basicamente como uma bússola e um organizador inteligente. (Grifo do Gemini)

Além dessa definição, o Gemini listou as principais funcionalidades do ATLAS.ti: Codificação (Coding), Redes e Mapas Mentais, Ferramentas de IA Suporte Multimídia. Em seguida, ele apresentou uma comparação entre o ATLAS.ti e o NVivo⁸. Segundo ele, o primeiro *software* é elogiado “por ter uma interface mais intuitiva e visual”, já o segundo é indicado para quem precisa de “análises estatísticas cruzadas mais complexas”. Ao final, ele

⁶ Essa foi a definição apresentada pela IA do Google durante a escrita do presente trabalho, precisamente no dia 27 de abril de 2026. Não consigo recordar qual foi a definição exata apresentada na primeira busca, mas, lembro que se tratava de uma definição similar.

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DgO9UpcEDGo&t=26s>>. Acesso em 15 de maio de 2026.

⁸ O NVivo também é um *software* pago que pode ser utilizado na análise qualitativa. Ele permite organizar e centralizar as informações, facilitando estudos aprofundados. Disponível em: <https://www.software-shop.com/producto/nvivo_portugues>. Acesso em 15 de maio de 2026.

perguntou se eu planejava usar o ATLAS.ti em um projeto específico e eu respondi com algumas informações sobre a pesquisa da minha tese:

Eu: Na minha tese, tenho analisado sentenças de processos judiciais do crime de tortura. Tenho pesquisado os processos em sites de alguns tribunais de justiça do país e encontrado as sentenças. Penso que a ferramenta pode ser útil nesse caso.

Gemini: O ATLAS.ti é uma escolha excelente para a sua tese, especialmente lidando com sentenças judiciais, que costumam ser documentos longos, técnicos e carregados de subjetividade e padrões de linguagem. (...) o software pode elevar o nível da sua análise de "leitura manual" para uma "mineração de dados estruturada". (Grifo do Gemini)

Em seguida, ele apresentou mais uma lista de motivos pelos quais o ATLAS.ti poderia ser útil para mim. Ele destacou a possibilidade organizar documentos em grupos (região, desfecho e perfil do réu), a codificação dos fundamentos dos juízes, a análise de sentimento e linguagem da ferramenta com IA e a criação de redes para apresentar os resultados. A partir dessa resposta, tive a ideia de criar um “banco de dados” das sentenças que já tinha encontrado e respondi que precisava de ajuda para essa tarefa.

O Gemini respondeu que meu “banco de sentenças” precisava ser padronizado. Se os arquivos tivessem nomes genéricos ou nomes muito diferentes entre eles, a minha análise poderia ser muito mais demorada. A sugestão foi:

Gemini: Não salve os arquivos como *sentenca1.pdf*, *processo_final.pdf*. Use uma nomenclatura sistemática que o ATLAS.ti possa ler. **Sugestão de formato:**
ANO_ESTADO_NUMERO-PROCESSO_DESFECHO.pdf

- *Exemplo:* 2023_RJ_0012345_CONDENACAO.pdf
- *Por que fazer isso?* O ATLAS.ti permite criar grupos automáticos baseados no nome do arquivo. (Grifo do Gemini)

Além disso, ele também sugeriu que eu criasse uma planilha de controle para servir de mapa do meu banco de sentenças. Pedi que ele fizesse um resumo dessa conversa para que eu pudesse enviar ao modelo de IAG disponível no aplicativo “Planilhas” do Google Workspace. Apesar de ambas “serem” Gemini, elas não possuem uma comunicação. No sentido de que a conversa que tive com o modelo dentro do *app* Gemini não é acessada pelo modelo que fica dentro do *app* Planilhas.

A partir do resumo enviado, comecei a montar a planilha de controle. Tive certa dificuldade com o modelo de IAG da aba Planilhas, ela travou algumas vezes e mudou de linguagem no meio da nossa conversa, passando a me responder em inglês. Enviei essas respostas para o *app* do Gemini que me ajudou a solucionar o problema. Esse ponto foi

bastante curioso, já que eu estava usando um modelo de IAG para treinar outro modelo IAG, ambos do meu desenvolvedor. Isso se repetiria, quando comecei a usar o ChatGPT dentro do ATLAS.ti. Retomarei esse ponto adiante.

Em relação as ideias que a Gemini me deu nessa primeira parte de nossa conversa, convém destacar que a planilha de controle do banco de sentenças e a codificação dos arquivos com um nome padronizado⁹ têm sido extremamente úteis. O formato anterior que eu tinha tentado com a planilha do Notion provou-se confuso ao longo do tempo e pouco útil. Abaixo está um trecho da planilha que tenho utilizado para ajudar a visualizar:

Número do processo	Tr Código	Salvo no Drive?	Status do OCR	Tipo de Agente Público	Desfecho	Aumento de Pena (Art. 1º, § 4º, I)	Perda do Cargo
0000351-55.2013.8.08.005	2025_ES_AP_0000351_EXT_PUN_AB	Sim	Pronto	Agente Penitenciário/Policial Penal	Extinçã... Absolvi...	Não	Não
0020386-25.2011.8.08.004	2025_ES_PC_0020386_EXT_PUN	Sim	Pronto	Policial Civil	Extinçã...	Não	Não
0002596-22.2023.8.08.001	2025_ES_AP_0002596_CON	Sim	Pronto	Agente Penitenciário/Policial Penal	Conden...	Sim	Sim
0015800-70.2018.8.08.0024	2025_ES_PM_0015800_AB	Sim	Pronto	Policial Militar	Absolvi...	Não	Não
0012465-38.2021.8.08.0024	2024_ES_PM_0012465_AB	Sim	Pronto	Policial Militar	Absolvi...	Não	Não
0022743-69.2019.8.08.0024	2024_ES_PM_0022743_EXT_PUN	Sim	Em Processamento	Policial Militar	Extinçã...	Não	Não

Figura 1: Trecho de tabela de controle com processos do TJES.

2. Compra da licença e primeiras impressões no período de teste

Após a criação da planilha, passei a me concentrar em preenchê-la e alterar o nome de todos os arquivos salvos. Depois, iniciei o teste gratuito do ATLAS.ti. Ele permite usar as duas versões disponíveis do *software*, a online (*web*) e o aplicativo baixado para computador. O teste não requer que você adicione um meio de pagamento para ser iniciado. Porém, as funcionalidades são limitadas. A codificação por IA, por exemplo, só permite a análise de arquivos pequenos. No meu caso, sentenças com apenas 3 ou 4 páginas. Apesar dessa limitação, a experiência foi boa para entender um pouco melhor como o *software* funcionava na prática. Nesse período de teste, percebi uma diferença grande entre a versão *web* e a versão baixada. A versão *web* não atendeu as minhas expectativas, achei que as funcionalidades são limitadas e a versão do ChatGPT travava bastante. Já a versão baixada, me pareceu muito mais completa e funcional.

⁹ Não confundir com a ferramenta de codificação presente no ATLAS.ti que apresentarei a seguir.

A partir daí, decidi que se fosse adquirir uma licença, teria que ser a versão baixada. É válido mencionar que à época, a minha bolsa de doutorado já tinha acabado, então estava sem recursos para investir na compra de uma licença do ATLAS.ti. Entrei em contato com a minha orientadora para saber se era possível receber recursos de financiamento do Gepadim para adquirir uma licença. Ela rapidamente concordou e me enviou os recursos¹⁰. Nesse ponto, creio que seja importante mencionar os rapidamente os valores das licenças disponíveis no site do ATLAS.ti. As licenças estão divididas em grupos: estudante; educacional; não comercial e governamental; comercial e campus¹¹.

A licença para estudantes é destinada a alunos da graduação ao doutorado. Por estar cursando o doutorado, essa foi a licença mais atrativa para mim. Ela é dividida em três tipos: anual com o valor de R\$ 559,93; semestral com o valor de R\$ 290,34 e web mensal com o valor de R\$ 69,13¹². Além do pagamento, é necessário enviar um comprovante de vínculo institucional para ser avaliado e para que a compra da licença seja confirmada. Depois disso, recebi um número de licença que adicionei no *app* que já tinha no meu computador pelo período de teste. Logo após, o *software* já estava pronto para ser usado.

É importante mencionar que li os termos do contrato de licença do ATLAS.ti em sua integralidade. Meu interesse era entender o que estava estipulado em relação ao armazenamento de dados tanto pela empresa do *software* quanto pela OpenAI, responsável pelo ChatGPT. Já acompanhava as discussões sobre o uso de IAG em pesquisas acadêmicas e entendia que o armazenamento de dados, sobretudo inéditos, é uma questão extremamente sensível. Segundo os termos do contrato, a ATLAS.ti garante que os dados são armazenados de forma segura, sem compartilhamento com terceiros. Além disso, a OpenAI não armazenaria os dados dos arquivos que fossem analisados. Sendo assim, cada conversa com o ChatGPT iniciada dentro do ATLAS.ti seria excluída ao final e não poderia ser recuperada depois de finalizada.

Em relação ao uso do ATLAS.ti, a própria empresa oferece uma série de informações de “treinamento” das funcionalidades do *software*, com vídeos e artigos em seu site para os compradores de uma licença. Porém, a maior parte desses conteúdos está em inglês, o que pode dificultar o seu acesso. Voltei ao Youtube e encontrei alguns vídeos de gravação de

¹⁰ Agradeço a minha orientadora Lucía Eilbaum pelos recursos que possibilitaram a compra da licença.

¹¹ Os valores variam pelo prazo da licença e número de usuários simultâneos, podendo chegar até 20 mil reais anuais (plano anual comercial com 10 usuários simultâneos). Mais informações sobre as regras e valores de cada licença estão disponíveis em: <<https://shop.atlasti.com/74/>>. Acesso em 30 de maio de 2026.

¹² Valores consultados entre o período de janeiro a junho de 2026.

transmissões oficinas de treinamentos oferecidas por instituições de ensino. Três dos vídeos eram de eventos relacionadas à área da Administração e outro era relacionado à Ciência Política. Além dos vídeos, também procurei produções acadêmicas sobre o uso da ferramenta. Não encontrei textos em português relacionados ao uso do *software* em pesquisas antropológicas¹³.

1. Codificação: como tenho usado o ATLAS.ti até o momento

Após assistir alguns vídeos, ler textos e realizar uma exploração do ATLAS.ti, passei a utilizar a ferramenta de fato. Confesso que no início estava bastante curiosa para entender como funcionaria a codificação automática pelo ChatGPT, como ele faria a leitura dos arquivos e se conseguiria compreender os meus comandos. Nesse ponto, contei com o auxílio do Gemini para treinar a ferramenta e por isso tem alguns registros.

Há duas opções de codificação que utilizam o ChatGPT: a “codificação AI” e a “codificação AI intencional”. Na primeira, a IAG faz a codificação automática do documento, sem que o pesquisador dê instruções. Ainda no período de testes da versão web, encontrei um primeiro problema quando o ChatGPT se recusou a analisar o arquivo da sentença que eu havia selecionado alegando que o conteúdo incluía violência e violava os termos estabelecidos pela OpenAI. Com auxílio do Gemini, argumentei que se tratava de uma análise acadêmica, com foco no teor jurídico do documento e que eu não estava pedindo que o ChatGPT criasse “conteúdo violento”. O modelo aceitou a minha argumentação e passou a analisar o conteúdo do arquivo. Mas, o carregamento travou e eu tive que reiniciar a aba do navegador com o ATLAS.ti. Já com a versão baixada, não encontrei esse problema.

Na prática, o uso da “codificação AI” automática foi diferente das minhas expectativas. Assim que adquiri a licença, a minha primeira experiência foi ruim. Os códigos eram bastante genéricos. Porém, percebi uma diferença entre as tentativas de codificação automáticas realizadas em janeiro 2026 e em junho 2026, durante a escrita do presente trabalho. Na segunda experiência, percebi uma certa “evolução” dos códigos gerados.

Apesar de ainda apresentar alguns códigos que, para a minha pesquisa, classifico como genéricos como “setor público”, “abuso de autoridade”, “violência” etc. Além da repetição desses códigos em várias partes do artigo. Em junho de 2026, percebi que modelo

¹³ Retomarei esse ponto de diálogo com a bibliografia no último tópico do presente trabalho.

sugeriu novos grupos de códigos que classifiqui como interessantes para o meu trabalho, como no seguinte exemplo:

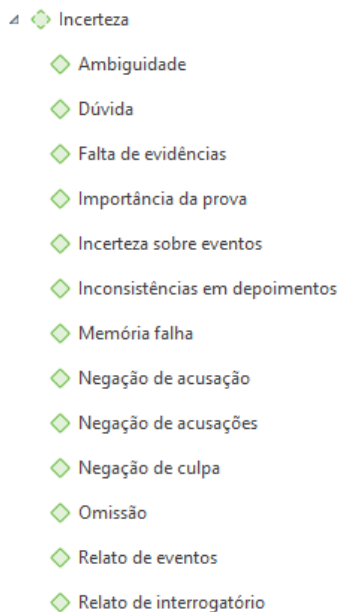


Figura 2: Grupo de códigos “Incerteza” gerado pela “codificação AI”.

Trata-se da sentença de um processo da Justiça Militar em que os acusados são policiais militares e que o desfecho é a absolvição. Esse tipo de processo compõe a grande maioria dos quase 250 processos encontrados. Em minha experiência de pesquisa com esses documentos, percebi que é comum que o julgador apresente argumentos como a “falta de evidências”, as “contradições” nos depoimentos das vítimas e as negativas “coerentes” dos acusados em todas as fases processuais. O grupo de códigos “incerteza” sugerido pela IAG, mostra em quais partes da sentença em que esses assuntos aparecem. Antes de aplicá-los ao documento, é possível fazer uma triagem e escolher quais os códigos manter.

Em relação a “codificação IA intencional”, ao selecionar essa opção, o ATLAS.ti abre a seguinte aba:

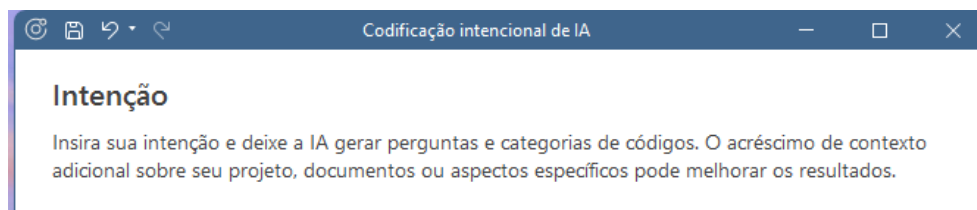


Figura 3: Início da aba “Codificação intencional de IA”.

Abaixo há um espaço em branco em que você pode escrever o que deseja e um aba lateral com o histórico do já foi pedido. Eu fiz algumas tentativas e, novamente, contei com a ajuda do Gemini. Ao clicar em “próximo,” ele apresenta “Perguntas e categorias de códigos”. A partir do texto elaborado na primeira parte, ele gera perguntas e para cada pergunta há uma categoria de código. Segundo o histórico, eu fiz cerca de 6 tentativas até encontrar um formato de texto em que ele “compreendesse” o que eu estava solicitando. Com a ajuda do Gemini, entendi que a IAG “compreendia” melhor as perguntas curtas, apresentadas em linhas separadas e não um bloco de um parágrafo inteiro. As perguntas geradas aparecem como no exemplo abaixo:

The image shows a user interface with three rows, each containing a question and a corresponding code category. Each row has a toggle switch on the left, a text input field for the question, and a dropdown menu for the code category.

Pergunta	Categoria de código
A qual estado o tribunal pertence?	Estado Tribunal
Quantos réus foram denunciados neste processo?	Número de Réus
Todos os réus são agentes públicos?	Agentes Públicos

Figura 4: Perguntas geradas para a “Codificação intencional de IA”.

O pesquisador pode escolher se faz alguma alteração como trocar a categoria do código para um código que já exista, por exemplo. Depois, é só clicar em avançar para que ele comece a análise. Novamente a prática foi bem diferente das minhas expectativas. Mesmo com perguntas curtas e “simples”, o ChatGPT encontrou algumas dificuldades e não consegue compreender o formato do documento analisado. Em relação ao número de réus, por exemplo, ele apresentou várias respostas com números diferentes para o mesmo processo:

Sem Codificações
◆ Agentes Públicos: Agentes Públicos
◆ Categoria Réu: Policial Militar
◆ Estado Tribunal: Santa Catarina
◆ Número de Réus: 11 Réus
Sem Codificações
◆ Agentes Públicos: Sim
◆ Categoria Réu: Agentes Públicos
◆ Estado Tribunal: Santa Catarina
◆ Número de Réus: Dez Réus
Sem Codificações
◆ Agentes Públicos: Agentes Públicos
◆ Categoria Réu: Policiais Militares
◆ Número de Réus: Indeterminado
Sem Codificações
◆ Agentes Públicos: Agentes Públicos
◆ Categoria Réu: Policial Militar
◆ Número de Réus: Dois Réus

Figura 5: Códigos e respostas gerados pela “Codificação intencional de AI”.

O processo analisado possui doze réus. A partir da pergunta que eu fiz, o ChatGPT selecionou todos os trechos que mencionavam réus e me deu respostas diferentes para a mesma pergunta. Algo similar também aconteceu com a pergunta sobre “agentes públicos”, ele selecionou todas as partes do documento que mencionavam de alguma forma “agentes públicos”. Em outros documentos, o ChatGPT já me respondeu “sim” e “não” para a menção a agentes públicos no mesmo documento. A partir dessa experiência, percebi que os documentos que analiso na minha pesquisa possuem certas “nuances” que modelo de IAG disponível no ATLAS.ti ainda não consegue compreender. Outro exemplo disso é a “análise de sentimento”, mais uma ferramenta de análise automática disponível dentro do *software*. Ao pedir que essa análise fosse feita, recebi como resposta de que o sentimento da sentença seria “negativo”.

Voltando a “codificação intencional AI”, ela também permite que o pesquisador escolha quais códigos mantém ou não no documento, como no primeiro tipo apresentado. Mas, em primeira experiência, a “codificação AI intencional” gera um número muito grande de códigos. Então, é mais vantajoso ler o arquivo e fazer a seleção “manual”, do que filtrar o grande volume de códigos gerados pelo segundo tipo de codificação.

Depois de falar sobre como essas duas opções de codificação por IAG não foram muito úteis para mim, o leitor pode estar se perguntando se eu ainda acredito que vale a pena usar o ATLAS.ti e a minha resposta é com certeza! Primeiro, é importante mencionar que o

ATLAS.ti oferece um número muito grande de ferramentas e eu ainda estou aprendendo a usá-las. Contudo, mesmo estando nesse processo de aprendizagem, a ferramenta de codificação oferecida é muito útil. Apesar das expectativas frustradas com as opções de codificação por IA, a codificação “manual” tem sido uma grata surpresa.

Como mencionei anteriormente, estou analisando um grande volume de documentos na minha pesquisa (cerca de 250) e parte desses documentos possui um número grande de páginas. A maior sentença que encontrei, por exemplo, possui 360 páginas. A codificação facilita muito a “organização” das partes desses documentos e tem me ajudado no processo de escrita. Eu posso facilmente encontrar os trechos com as citações das denúncias completas de todos os arquivos que codifiquei, por exemplo. Os códigos ajudam na organização de um único documento, já que eu posso ver a lista de quais códigos foram aplicados naquele documento e ir direto para cada citação. Além disso, eles ajudam a encontrar todas as citações do mesmo código, como no exemplo abaixo.

43:28 p 1, sofrimento físico e mental em	@ 2025_ES_PM_0015800_AB.pdf	1 Codificaç...
44:6 p 1, sofrimento físico e mental em	@ 2024_ES_PM_0012465_AB.pdf	1 Codificaç...
47:2 p 1, sofrimento físico e mental em	@ 2025_ES_PC_0020386_EXT_PUN.pdf	1 Codificaç...
52:6 p 1, sofrimento físico e mental. em	@ 2024_AJM_MG_2000112_CON	1 Codificaç...

Figura 6: Menções do código “sofrimento físico e mental”.

Na aba “Gerenciador de códigos”, é possível encontrar as informações sobre os códigos, a quantidade de vezes em que eles foram aplicados e as citações dos trechos selecionados. Além disso, é possível organizar os códigos por grupos. Um dos grupos que criei, por exemplo, é “tipo de tortura” e dentro deles coloquei os códigos “a fim de obter informação”, “castigo pessoal”, “medida preventiva” etc.

Além da codificação, o ATLAS.ti também possui uma aba de “Memos”. Nela, o pesquisador pode escrever anotações, resumos e outros registros em texto sobre os arquivos analisados. Ainda dentro do menu “Analisar”, há uma opção de “Resumo IA”. Depois de uma breve análise do documento (mais rápida do que as opções de codificação), ela apresenta um resumo curto do conteúdo, como no exemplo:

“O Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo decidiu, em 22 de agosto de 2025, condenar [nome do réu] a 2 anos e 4 meses de reclusão pelo crime de tortura, conforme previsto na Lei nº 9.455/97. A acusação alegava que o réu, enquanto guarda municipal, agrediu a vítima [nome da vítima] utilizando um cassete, causando-lhe sofrimento físico e mental, em um episódio que ocorreu no dia 1º de novembro de 2024. O juiz rejeitou as teses defensivas de ausência de representação da vítima e atipicidade da conduta, afirmando que a materialidade e

a autoria do crime estavam claramente demonstradas através de provas e depoimentos. A pena foi estabelecida no regime aberto, e o réu foi condenado a pagar R\$ 1.000 a título de danos morais à vítima. A decisão também determina que o réu permaneça em liberdade durante o processo de apelação.”

Essa ferramenta tem sido bastante útil. Já que, rapidamente, ela me fornece um resumo bastante direto do caso. Depois de salvar esse resumo nos “Memos”, ele aparece nas informações do arquivo quando eu clico nele. Com uma leitura rápida, eu consigo “lembrar” as principais informações desse caso.

Também gostaria de destacar a ferramenta de busca de termos. Além de ser bastante precisa, ela permite a procura de termos dentro de um arquivo específico ou entre vários arquivos. Ela também diferencia letras maiúsculas e minúsculas. Para a minha pesquisa, ela tem sido útil na procura de siglas que, em outros *softwares*, retornariam muitas respostas, o que invisibilizaria a busca.

Por fim, creio que seja importante mencionar que a “qualidade” do arquivo PDF influencia na usabilidade do *software*. Durante a pesquisa, percebi que os arquivos mais antigos são mais difíceis de codificar, já que algumas vezes esses arquivos têm limitações na hora da seleção do texto. Não são arquivos completamente “selecionáveis”.

Breves considerações finais

Primeiramente, gostaria de destacar que a escrita do presente trabalho foi desafiadora em muitos aspectos. A normatização do texto, por exemplo, foi um deles. A ABNT ainda não possui normas para a citação de conteúdo gerado por IAG e eu não sabia qual seria a melhor forma de descrever uma conversa com um desses modelos. Além disso, apesar de já me dedicar à Antropologia há mais de uma década, a pesquisa etnográfica com documentos acessados apenas no meio digital também é uma novidade para mim. Os documentos sempre estiveram presentes na minha trajetória, porém, eles vinham acompanhados de momentos de trabalho de campo “presencial” com meus interlocutores.

Ao longo da pesquisa, construí um caderno de campo “virtual”. Nele, registrei como encontrava os processos e os arquivos das sentenças. Foi na construção desse caderno de campo que começaram as minhas primeiras inquietações sobre como o “digital” aparecia na minha pesquisa. Em teoria, a digitalização da Justiça brasileira e adoção do Processo Judicial Eletrônico (PJe) visava a unificação e padronização das informações (Sestokas, 2021). Contudo, ao longo da pesquisa, percebi que os sites dos tribunais são construídos de formas

diferentes. Em cada site eu precisava “aprender” o caminho até a chegar aos arquivos das sentenças. Caso não registrasse esse caminho, não conseguia refazê-lo quando tentasse em outra data e precisava “aprendê-lo” novamente. Apesar dessas dificuldades, reconheço que a adoção dos sistemas digitais pelos tribunais de justiça foi de grande importância para a minha pesquisa. Sem ela, eu não conseguiria ter acesso a processos de quase todos os estados do Brasil. Por causa dessas particularidades, a primeira ideia que tive para o presente trabalho era justamente abordar esse caminho até os processos.

Porém, conforme fui conhecendo mais sobre o ATLAS.ti e entendendo as suas possibilidades para a pesquisa acadêmica, não apenas a com documentos, entendi que ele é um componente importante da minha pesquisa e valeria o esforço de reflexão, descrição e escrita. Além disso, não encontrar referências bibliográficas nacionais da antropologia¹⁴ que falassem sobre o tema também influenciou a minha decisão. Entre os artigos de outras disciplinas que encontrei, o *software* aparecia como uma ferramenta “inovadora” e como o “fim” do papel¹⁵.

Alguns autores defendem também como o ATLAS.ti pode ser uma ferramenta importante na pesquisa qualitativa como estratégia de “validação” e “aferição da qualidade” (Meyer e Vosgerau, 2023). O software ajudaria a legitimar a qualidade da análise, além de permitir a “replicabilidade¹⁶” dos resultados obtidos pelo pesquisador. Creio que seja relevante frisar que essa não é uma das minhas preocupações. Como antropóloga, partilho da visão de que cada pesquisador tem um ponto de vista distinto e, mesmo que os documentos analisados sejam os mesmos, pesquisadores diferentes podem obter “resultados¹⁷” diferentes.

Outro ponto que vale ser mencionado é que as versões do ATLAS.ti apresentadas nas referências encontradas são todas anteriores a inclusão do ChatGPT. Apesar do processo de

¹⁴ Também tive dificuldades para encontrar produções estrangeiras sobre o *software*. No Google Acadêmico, encontrei um artigo em inglês (McKether e Friese, 2015). O texto é anterior a inclusão do ChatGPT ao ATLAS.ti. Apesar disso, vale mencionar que os autores defendem o uso do software para analisar as entrevistas realizadas, apontando como a codificação pode oferecer novos “insights” à pesquisa.

¹⁵ Refiro-me aqui ao artigo com o sugestivo título “Adeus papel, marca-textos, tesoura e cola: inovando no processo de análise de conteúdo por meio do ATLAS.ti” (Walter e Bach, 2015).

¹⁶ Esse foi um tópico da apresentação do ATLAS.ti feita pelo pesquisador Douglas Henrique Novelli na Semana Inaugural do Curso de Pós-Graduação em Ciência Política da UFPR em março de 2023. Tive acesso à gravação do evento pelo Youtube. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=v8cMEelUfoE&list=PLo9kp3Uus1lVr8mJbBfcOeFgmOcCUASk7>>. Acesso em 30 de junho de 2026.

¹⁷ Utilizo o termo “resultados” para fazer referência a terminologia utilizada por pesquisadores de outras disciplinas. Porém, em minhas produções, prefiro pensar mais em “reflexões” e “análises” do que em “resultados”.

codificação continuar bastante similar, a inclusão do modelo de IAG ampliou ainda mais as possibilidades de uso do *software*. Ademais, as versões com o ChatGPT estão em constante atualização e, como mencionei no tópico anterior, em poucos meses, é possível perceber uma “evolução” na codificação feita por ele. Daqui há um ano, talvez alguns dos problemas que apresentei aqui já tenham sido solucionados.

Apesar disso, eu gostaria de salientar que a codificação com auxílio do modelo de IAG não substitui a análise do pesquisador. Acredito que mesmo com as possíveis futuras evoluções, o “olhar” do pesquisador ainda é e continuará necessário. Há 11 anos, antes da inclusão do ChatGPT, essa já era uma das preocupações:

“(…) não se engessa ou se automatiza o processo de análise de uma pesquisa com o uso do Atlas.ti, mas que somente se gerenciam todos os arquivos de um projeto de pesquisa em uma única unidade hermenêutica de modo informatizado, dispensando marca-textos, papel, cola e tesoura. O Atlas.ti não reduz o papel e a importância do pesquisador no processo de interpretar e analisar; apenas facilita sua operacionalização, pois trata-se de uma ferramenta moderna que auxilia análises mais profundas, facilitando a localização simultânea de múltiplos dados.” (Walter e Bach, 2015, p. 305)

Nesse sentido, o que defendo aqui é que o ATLAS.ti, o ChatGPT e o Gemini não vão “fazer” a minha pesquisa por mim. O que não os faz menos úteis para o meu processo de pesquisa. Por fim, o presente trabalho foi uma tentativa de dialogar com a provocação de Nascimento (2018), que ao apresentar o ATLAS.ti, pede que façamos uma “sociologia das tecnologias digitais” incluindo as que usamos em todas as etapas de nossas pesquisas.

Bibliografia

CASTRO, Celso (Org.). **Evolucionismo cultural**: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. (Coleção Antropologia Social).

FERREIRA, Leticia. Encontros etnográficos com documentos burocráticos: estratégias analíticas da pesquisa antropológica com papéis oficiais. **Etnografias Contemporâneas**, San Martín, v. 8, n. 15, p. 142-168, 2022.

MCKETHER, Willie L.; FRIESE, Susann E. Qualitative Social Network Analysis With ATLAS.ti - Increasing Power In A Black Community. **Repository of Technische Universität Berlin**, n. ATLAS.ti User Conference 2015 – qualitative data analysis and beyond, 2015.

MEYER, P.; VOSGERAU, D. S. R. Contribuições do ATLAS.ti para a qualidade de uma pesquisa qualitativa com o método da grounded theory. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 23, n. 77, p. 929-944, abr./jun. 2023.

NASCIMENTO, Leonardo. O uso do ATLAS.ti na pesquisa em Ciências Sociais: aspectos metodológicos e epistemológicos. In: ALVES, Paulo Cesar; NASCIMENTO, Leonardo (org.). **Novas fronteiras metodológicas nas ciências sociais**. Salvador: EDUFBA, 2018. 271 p.

SESTOKAS, Lucia. ENTRE PAPÉIS E MÁQUINAS: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIRTUALIZAÇÃO DOS PROCESSOS JUDICIAIS NO BRASIL. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, v. 9, n. 2, p. 144–169, 2021.

WALTER, Silvana Anita; BACH, Tatiana Marceda. ADEUS PAPEL, MARCA-TEXTOS, TESOURA E COLA: INOVANDO O PROCESSO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO POR MEIO DO ATLAS.TI. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 16, n. 2, p. 275–308, 2015.